

## LEITURA E LITERATURA: RELAÇÕES E MEDIAÇÕES NA ESCOLA

Mirian Hisae Yaegashi Zappone  
UEM

Qual o estatuto da leitura dentro dos estudos literários? De que maneira as práticas de leitura afetam o modo como entendemos a literatura ou como nos relacionamos com ela? De que modo a escola, espaço privilegiado de promoção de certas práticas de leitura, afeta o campo da literatura? Essas são algumas das perguntas que norteiam, de certo modo, esta comunicação e que motivam os interesses em relação à leitura e suas mediações na escola.

Desde sua constituição enquanto um campo específico de saber, diferenciado dos estudos científico-tecnológicos, fato que se deu a partir de meados do século XVIII, os estudos sobre literatura parecem ter dado, em diferentes momentos, ênfase a alguns aspectos específicos, procurando com isso demarcar os limites de seu objeto de estudo, ou seja, a literatura ou os textos escritos de caráter artístico e imaginário.

Para Eagleton (1989, p.80), um primeiro momento dos estudos modernos sobre literatura parece ter sido marcado pelos modelos da crítica romântica, que teria vigorado até meados do século XIX, cuja tônica residia nos *estudos biográficos do autor*, sendo o texto literário o fruto de uma genialidade. O segundo momento estaria delimitado às primeiras décadas do século XX e seria marcado pela excessiva *preocupação com o texto* como se pode notar nas tendências tanto do Formalismo (ênfase nas estratégias lingüísticas que conferiam o caráter de literariedade a um texto) quanto do New Criticism (ênfase nas relações entre os traços lingüísticos e as conseqüências destes no sentido do texto, uso de técnicas de leitura cerrada dos textos). O terceiro momento abarcaria certas tendências mais contemporâneas de estudos literários que privilegiam a figura do leitor, tais como a Estética da Recepção em suas várias vertentes e mesmo

a Sociologia da literatura e da leitura, nos moldes como propôs Escarpit (1958), anteriormente, e propõem, hoje, Chartier (1999), Darnton (1990) e outros.

Em cada uma dessas abordagens teóricas, vê-se a valorização de alguns componentes ou aspectos nos quais estaria centrada a distinção do literário e, portanto, a explicação ou justificativa das características, fatos ou aspectos que tornam um texto Literatura ou não. No bojo de cada corrente teórica, as explicações para a seleção de certas obras como literárias ou como arte vem ou da genialidade de um autor, ou das marcas lingüísticas ou arranjos especiais de linguagem presentes no texto ou de uma certa natureza intrínseca das obras literárias e assim por diante. Mas como a história literária parece mostrar, nem sempre essas tentativas explicam ou explicaram, de modo satisfatório os mecanismos pelos quais a literatura se erige enquanto fato cultural de uma sociedade.

Ao valorizar a figura do leitor, a teoria literária, em algumas de suas correntes do último século, desloca uma de suas grandes preocupações (o texto e a textualidade) para entender a literatura como uma estrutura comunicativa cujos significados e importância social e cultural são produzidos por um grande contexto, onde o público receptor parece ser um dos fundamentos para a articulação do conceito de literatura. Além disso, tais teorias ou estudos passam a associar dois temas afins, *leitura* e *literatura*, cujas relações, por mais diretas que fossem, não haviam se tornado objeto de estudo na área da literatura. Ao distinguir as práticas de leitura como essenciais para a constituição da literatura, esses estudos valorizam, de certo modo, seu aspecto sociológico. Não no sentido das correntes sociológicas, à maneira de Goldmann ou Lukács, mas sociológico no sentido de atribuir às comunidades ou públicos de leitores uma importância capital na definição do conceito de literatura, trazendo à tona, portanto, outros aspectos sócio-culturais, logicamente variáveis, que ajudam, também, a erigir tal conceito.

Uma produtiva articulação feita entre literatura e mundo social é aquela apresentada por Chartier, ao propor uma abordagem histórica da literatura. Para ele, a literatura não teria uma natureza característica, própria, mas seria uma construção de sentidos propostos para certos textos. A historicização seria um modo de desvendar os mecanismos de construção do literário, entre os quais a leitura teria importância preponderante:

*Uma história da literatura é então uma história das diferentes modalidades de apropriação dos textos. Ela deve considerar que o “mundo do texto”, usando as palavras de Ricoeur, é um mundo de “performances” cujos dispositivos e regras possibilitam e restringem a produção do sentido. (CHARTIER, 1997, p.68)*

Além da leitura, importa para Chartier, a historicização do literário, ou seja, a verificação de como acontecem as variações, no tempo e no espaço, entre o que é considerado ou não literário. Em busca dessa historicização da literatura, ele propõe o estudo de algumas categorias responsáveis por construir a literariedade:

*Decorre daí a definição de domínios de investigações particulares (o que não quer dizer próprias a tal ou tal disciplina): assim, por exemplo, a variação dos critérios que definiram a “literariedade” em diferentes períodos, os dispositivos que constituíram os repertórios das obras canônicas; as marcas deixadas nas próprias obras pela “economia da escrita” em que foram produzidas (segundo as épocas e as possíveis coerções exercidas pela instituição, pelo patrocínio, ou pelo mercado), ou, ainda, as categorias que construíram a “instituição literária” (como as noções de “autor”, de “obra”, de “livro”, de “escrita”, de “copyright” etc). (CHARTIER, 1997, p.68)*

Como se vê pela citação, para a definição da literariedade, importam para Chartier tanto os aspectos mais cotextuais, ou seja, relativos aos textos propriamente ditos, quanto fatores relacionados ao contexto de fabricação, circulação dos textos, incluindo nisso a questão do mercado e até mesmo certo imaginário social relativo a livros, leitura, escrita e outros.

Em terras brasileiras, e em momento bem anterior às colocações de Chartier, a noção de sistema literário, elaborada por Antonio Candido representa uma fértil associação onde a natureza

social da literatura é resgatada para sua caracterização enquanto manifestação cultural. Apresentado inicialmente em *A Formação da Literatura Brasileira*, de 1959, o clássico conceito de sistema literário é, para Candido, um modelo explicativo do processo de formação da literatura brasileira, no qual os elementos da tríade autor-obra-público aparecem como fundamentais para a caracterização das condições em que a literatura poderia existir. Em 1955, no texto “O escritor e o público”, aparecem já de modo bem visível a importância do público, do modo de circulação dos textos e a questão da mobilidade dos públicos como aspectos fundamentais do sistema literário proposto por Candido:

*A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.* (CANDIDO, 1985, p. 74)

Mais recentemente, essas mesmas idéias são ratificadas no texto *Iniciação à literatura brasileira*, publicado em 1997, onde, mais uma vez, o autor destaca a presença dos públicos, seus níveis de letramento, os veículos que permitem a interação entre autores e públicos preenchendo, portanto, os espaços existentes entre a tríade autor/obra/público:

*Entendo por sistema a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: autores formando um conjunto virtual, e veículos que permitem seu relacionamento, definindo uma vida literária: públicos, restritos ou amplos, capazes de ler ou de ouvir as obras, permitindo com isso que elas circulem e atuem; tradição, que é o reconhecimento de obras e autores precedentes, funcionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar.* (Candido, 1999, p.15)

O que me interessa reter do pensamento desses dois autores é o fato de colocarem em foco um conjunto de outros fatores que tangenciam os elementos mais restritos do sistema literário (autores/textos/leitores), mas que atuam de forma muito concreta sobre ele. Pensando nas

condições de produção e de circulação de textos no contexto atual, Lajolo<sup>1</sup> propõe que se inscrevem na noção de sistema literário as condições de leitura e de escrita. Sugere, também, que os pontos de contato entre cada um dos elementos da tríade autor/obra/público tornam-se mais visíveis através desses outros componentes. Eles abrangeriam, por exemplo, o grau de letramento da população, as tecnologias de produção de livros e impressos, as instituições voltadas para a circulação de livros, as práticas discursivas que estabelecem, avaliam e afiançam o caráter literário dos textos, o imaginário social relativa a livros e leituras e mesmo a regulamentação econômica e legal da produção e distribuição de livros.

Entendendo a literatura como um conjunto de textos aos quais se atribui, a partir desse complexo sistema sócio-cultural, econômico e discursivo, um determinado significado e valor, pode-se dizer que todos os elementos constitutivos desse grande campo ou sistema são, portanto, objetos de estudo dos estudos literários. Nele, a escola parece ser um importante e concreto elemento do sistema literário que atua tanto sobre as práticas de leitura do público quanto no abono dos textos que seleciona ou que propõe para a leitura de sua clientela. Pensando sob essa perspectiva, que relações se poderia observar entre a escola e literatura no cenário atual?

Em pesquisa realizada recentemente<sup>2</sup> através do exame de 370 relatórios produzidos por professores da região Sul-sudeste do Brasil nos quais eram relatadas atividades de leitura em sala de aula nos diversos níveis de ensino, o que observei, inicialmente, é que a leitura na escola, fugindo aos maus prognósticos, tem ocupado um lugar central no espaço escolar. Da pesquisa participaram professores com diversas formações, portanto, não restritos às áreas de Letras ou Pedagogia, onde parece haver uma maior preocupação com o estudo mais sistemático da leitura. Nas falas desses professores, a leitura ocupava lugar privilegiado de forma que muitas falas

---

<sup>1</sup> LAJOLO, Marisa. *A leitura na "Formação da Literatura Brasileira"* de Antonio Candido, 2001. (no prelo)

<sup>2</sup> A pesquisa intitula-se **Práticas de leitura na escola** e foi realizada como trabalho de doutorado no IEL/ Unicamp, entre 1999 e 2001, sob a orientação da professora Marisa Lajolo.

acenaram para uma concepção de leitura enquanto *letramento*, ou seja, como capacidade ou competência no uso da leitura e da escrita enquanto forma de prática social do indivíduo no seu meio, o que parece ser bastante significativo e aponta para um ótimo caminho a se trilhar com relação à leitura na escola. Entretanto, os modos de leitura patrocinadas pelos professores apontaram para uma certa homogeneidade. Um mapeamento das atividades de leitura apontou para três grandes grupos de propostas de leitura: a) um modelo de leitura designado na pesquisa como estruturalista, que entende a leitura como decifração e recuperação do sentido do texto, onde se enquadrou a maioria dos relatórios; b) um modelo de leitura que procura trabalhar a leitura como modo de patrocinar a interdisciplinaridade e, pode-se-ia acrescentar, a discussão dos temas transversais solicitados pela diretrizes governamentais e c) modelos de leitura que procuram recuperar algumas premissas de diferentes teorias de leitura com as quais o professor tem contato.

O fato que interessa de perto com relação a esses modos de leitura é que eles são característicos da escola atual (nem sempre se leu como se lê hoje e talvez nem se leia no futuro como se lê no presente) e que foram construídos a partir de um complexo processo de mediação entre escola e sociedade. O que pude observar é que o professor que se propõe a ler determinado texto com seus alunos o faz, normalmente, sem ter recebido uma formação acadêmica específica sobre leitura. Desse modo, ele parece tatear seu espaço imediato em busca de modelos ou informações sobre como “ensinar” ou praticar leitura na sala de aula. Nesse seu percurso, verifiquei que o saber sobre leitura do professor se constrói a partir de várias fontes. Os Parâmetros Curriculares são um bom ponto de partida com notei em muitos relatórios, mas passa-se, também, pelas idéias das abordagens acadêmicas de leitura que, nas falas dos professores,

soam pouco ou muito fragmentadas. Contam, também e fortemente, as idéias sobre leitura que pululam na mídia, as “dicas” dos catálogos de editoras e, finalmente, as sugestões de periódicos de divulgação pedagógica como *Nova Escola* e outros. Como se nota, a construção do saber sobre leitura é bastante mediado na escola, pois entre as teorias acadêmicas de leitura interpõe-se um universo de influências baseadas fortemente no senso comum, formatando uma prática escolar de leitura que é ao mesmo tempo coletiva e individual.

Se em relação à prática da leitura (sobre a qual há mais saberes disseminados) há todas essas mediações, pode-se supor que, em relação à literatura<sup>3</sup> e à construção do saber sobre literatura atuem os mesmos fatores, de forma que também sobre literatura predomine entre os professores o acolhimento de conceitos ou idéias presentes no senso comum e em fontes tais como as citadas anteriormente. O saber sobre literatura parece ser um saber mediado na escola: o que o professor sabe sobre ela é caracteristicamente o resultado daquilo que ele ouve/conhece no seu meio social. Com isso, o espaço da *leitura da literatura* fica sendo mais o cumprimento de exigências de programas escolares e se restringindo a conceituações fechadas e atreladas a um cânone que nem sempre faz sentido nem para os professores e tampouco para os alunos, como pude notar nos relatórios que propunham leitura de textos literários. A literatura na escola deixa, assim, de ser espaço vivo de interações entre o aluno e o texto ou entre o professor, o texto e o aluno. Em função dessas mediações, a escola acaba atuando como instituição onde se reiteram os sons das vozes dominantes ou do discurso dominante sobre literatura, aquele que apregoa os sentidos já cristalizados pela teoria ou pela crítica literária sobre textos e autores, o que antes de tudo é um problema de leitura, já que ela não se caracteriza, no dizer Goulemot como:

---

<sup>3</sup> É preciso ressaltar que, com relação à literatura, faço apenas conjecturas, pois os relatórios produzidos pelos professores, cujas falas pesquisei, tematizavam a leitura de forma geral, não havendo, portanto, um trabalho específico com a leitura de textos literários, embora em algumas aulas eles tenham sido utilizados.

*“a revelação de uma das virtualidades significantes do texto. No limite, ela é aquilo pelo qual se atualiza uma de suas virtualidades, uma situação de comunicação particular, pois aberta. Se admitirmos, como o faço, que um texto literário é polissêmico, a análise do leitor parecerá, portanto pertinente porque constitui um dos termos essenciais do processo de aprovação e troca que é a leitura.”(GOULEMOT, 1996, p.108)*

Ora, se a relação escola e literatura apontam para a permanência de modelos e conceitos literários pouco instigadores, o que se poderá dizer dos textos que nela circulam? A análise dos relatórios dos professores de leitura parece mostrar que, se os saberes sobre literatura apontam para uma rigidez imposta pelo discurso dominante, privilegiando os recortes dos estilos de época e restringindo-se a disseminar juízos críticos normativos, a seleção de textos procura criar meios para que a figura do leitor tenha uma maior mobilidade e liberdade. Se as amarras teóricas tolhem professores e alunos, o terreno da seleção de textos abre espaço ao menos para a liberdade relativa à escolha do que se ler. Seja reflexo das diretrizes governamentais que valorizam a diversidade de textos, ou de outros fatores, a escola tenta criar mais pontes entre os muros da escola e as travessas da vida. Assim, como se observou na pesquisa em questão, dos gibis aos poemas de Drummond, d’*Os Lusíadas* a *Superinteressante*, de Marie Claire a bulas de remédio, o ecletismo parece fazer muito bem.

Enfim, retomando a estreita relação leitura na escola e literatura, o que se pretendeu mostrar é que a escola funciona como um grande laboratório para se analisarem questões de literatura. Os saberes tanto sobre leitura quanto sobre literatura seguem um mesmo processo de construção, regido por diversas fontes presentes no cotidiano do professor, portanto, muito próximas ao senso comum. Ao mesmo tempo, pode-se concluir que a leitura na escola, enquanto um dos mais concretos elementos do sistema literário, parece-me acenar para um espécie de saturação das barreiras que cercam o termo *literatura* na escola. A escolha pela leitura de textos diferentes daqueles para os quais já existem leituras normativas (leituras propostas pela histórias



da literatura, por críticos ou livros didáticos) acenam, ao meu ver, a tentativa de realização, no espaço escolar, de práticas de leitura que sejam mais vivas, menos artificiais e que promovam, de alguma forma, o diálogo estético imaginativo de professores e alunos com seu mundo, com seu próximo e com a própria vida, mesmo que para isso seja necessário uma ampliação do conjunto dos textos que temos, até hoje, chamado de *literatura*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo : Itatiaia. 1<sup>o</sup> Vol., 6.ed., 1981.
- CANDIDO, A. *Iniciação à Literatura Brasileira*. 3.ed. São Paulo : Humanitas, 1999.
- CANDIDO, A. “O escritor e o público”. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. 7.ed. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1985.
- CHARTIER, R. “Crítica textual e historia cultural”. In: *Leitura: teoria e prática*, n. 30. Campinas/ALB : Porto Alegre/Mercado Aberto, dez./1997.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltencir Dutra. São Paulo : Martins Fontes, 1989.
- LAJOLO, M. *A leitura na “Formação da literatura brasileira” de Antonio Candido*. (no prelo), 2001.
- ZAPPONE, M. *Práticas de leitura na escola*. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, 2001.